



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI AO CONGRESSO PAN-AFRICANO DOS LEIGOS CATÓLICOS

Ao Senhor Cardeal

Stanisław Rylko

Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Tenho a honra de dirigir o meu cordial pensamento a Vossa Eminência, Venerado Irmão, aos Cardeais, aos Bispos, aos Sacerdotes, aos consagrados e especialmente a todos os fiéis leigos reunidos em Yaoundé de 4 a 9 de Setembro para o Congresso pan-africano dos leigos católicos, organizado pelo Pontifício Conselho para os Leigos com o apoio da Conferência episcopal dos Camarões, sobre o tema: «Ser testemunhas de Jesus Cristo na África de hoje: sal da terra... luz do mundo (Mt 5, 13.14)». O tema evoca intencionalmente a Exortação apostólica pós-sinodal *Africae munus*, cujo subtítulo corresponde à mesma citação tirada do Evangelho de São Mateus: «Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo». Ao entregar pessoalmente este importante documento ao Bispo da África em Cotonou, a 20 de Novembro do ano passado, quis oferecer algumas linhas teológicas e pastorais para o caminho da Igreja no Continente.

O vosso Congresso apresenta-se como uma etapa significativa para realizar o que o Espírito Santo inspirou nos Padres sinodais durante a *Segunda Assembleia Especial para a África*, celebrada em Outubro de 2009 em Roma. Em Cotonou, expressei o desejo a fim de que a Exortação *Africae munus* possa servir como guia sobretudo no anúncio do Evangelho através do compromisso de todo o Povo de Deus. Por esta razão, com satisfação tomei conhecimento da iniciativa do Pontifício Conselho de convocar um Congresso para os fiéis leigos africanos, chamados especialmente nos nossos dias a desempenhar um trabalho cada vez mais intenso na vinha do Senhor (cf. João Paulo ii, Exortação Apostólica *Christifideles laici*, 2).

Durante as minhas viagens ao Continente afirmei, em diversas ocasiões, que a África é chamada a ser o «Continente da Esperança». Estas não eram palavras de circunstância, mas indicavam o horizonte luminoso que se abre ao olhar da fé. Certamente, à primeira vista, os problemas da

África parecem graves e difíceis de resolver, e não só devido às dificuldades materiais, mas também por causa dos obstáculos espirituais e morais que inclusive a Igreja enfrenta. Além disso, é verdade que mesmos os valores tradicionais mais válidos da cultura africana são, hoje, ameaçados pelo secularismo, que provoca desorientação, lacerações no tecido pessoal e social, exasperação do tribalismo, violência, corrupção na vida pública, humilhação e exploração das mulheres e dos seus filhos, crescimento da miséria e da fome. A tudo isto acrescenta-se também a sombra do terrorismo fundamentalista, que recentemente tem como alvo as comunidades cristãs de alguns países africanos. No entanto, se com um olhar mais profundo, observarmos o coração do povo africano, descobrimos uma grande riqueza de recursos espirituais, preciosos para os nossos tempos. O amor pela vida e pela família, o sentido da alegria e da partilha, o entusiasmo de viver a fé no Senhor, que pude constatar por ocasião das minhas viagens africanas, estão ainda gravados no meu coração. Nunca deixeis que a obscura mentalidade relativista e niilista, que atinge várias regiões do nosso mundo, abra uma brecha na vossa realidade. Acolhei e propagai com força renovada a mensagem de júbilo e de esperança que Cristo traz, mensagem capaz de purificar e fortalecer os grandes valores das vossas culturas. Por isso, na Encíclica *Spe salvi*, quis apresentar a santa sudanesa [Josefina Bakhita](#) como testemunha de esperança (cf. n. 3), a fim de demonstrar que o encontro com o Deus de Jesus Cristo é capaz de transformar profundamente todos os seres humanos, mesmo nas condições mais pobres — Bakhita era uma escrava — para lhes oferecer a dignidade suprema de filhos de Deus. Justamente, «mediante o conhecimento desta esperança, ela estava “redimida”, já não se sentia escrava, mas uma livre filha de Deus» (*ibidem*). E a descoberta da esperança cristã suscitou nela um desejo novo e irreprimível: «A libertação recebida através do encontro com o Deus de Jesus Cristo, sentia que devia estendê-la, tinha de ser dada também a outros, ao maior número possível de pessoas. A esperança, que nascera para ela e a “redimira”, não podia guardá-la para si; esta esperança devia chegar a muitos, chegar a todos» (*ibidem*). O encontro com Cristo confere o impulso para superar inclusive as dificuldades aparentemente mais insuperáveis. Esta é a experiência de santa Bakhita, mas é também a experiência que numerosos jovens africanos — graças a Deus, a grande maioria da população — são chamados a viver hoje no seguimento fiel do Senhor. Tornar a África «Continente da Esperança» é um compromisso que actualmente deve orientar a missão dos fiéis leigos africanos, bem como o próprio Congresso que estais a celebrar.

Nesta perspectiva, a vossa Assembleia constitui um momento significativo na preparação de dois eventos eclesiais, já iminentes, de importância universal: o [Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização](#) e o «Ano da fé». Em Cotonou, ao entregar a Exortação *Africae munus*, recordei que «todos aqueles que receberam o dom maravilhoso da fé, este dom do encontro com o Senhor ressuscitado, sentem também a necessidade de o anunciar aos demais» (*Homilia na Santa Missa no «Stade de l'amitié»*, Cotonou-Benim, 20 de Novembro de 2011). Com efeito, a missão nasce da fé, dom de Deus a acolher, nutrir e aprofundar, pois «não podemos aceitar que o sal se torne insípido e a luz fique escondida» (Motu Proprio *Porta fidei*, 3). Obviamente, a prioridade da fé tem um sentido mais lógico do que cronológico. De facto, a aceitação deste dom divino anda de mão dadas com o impulso do Evangelho, numa espécie de «círculo virtuoso»,

onde a fé cresce no anúncio e o anúncio reforça a fé: «com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria» (*ibid.*, n. 7). Realmente, «é dando a fé que ela se fortalece!», são as palavras inesquecíveis do beato João Paulo II (Carta Encíclica *Redemptoris Missio*, 2).

Enfim, gostaria de recordar algumas palavras do Servo de Deus Paulo VI, intérprete fiel do Concílio: «Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade» (Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, 18). Nesta obra de transformação de toda a sociedade, hoje tão urgente para a África, os fiéis leigos têm um papel insubstituível: «A Igreja torna-se presente e activa na vida do mundo através dos seus membros leigos. Estes têm uma grande função a desempenhar na Igreja e na sociedade... De facto, os fiéis leigos são “embaixadores de Cristo” (2 Cor 5, 20) no espaço público, no coração do mundo» (Exortação Apostólica pós-sinodal *Africae munus*, 128). Homens e mulheres, jovens, idosos e crianças, famílias e toda a sociedade, a África inteira espera hoje os «embaixadores» da Boa Nova, fiéis leigos provenientes das paróquias, das Comunidades Eclesiais de Base, dos movimentos eclesiais e das novas comunidades, apaixonados por Cristo e pela Igreja, repletos de alegria e agradecidos pelo baptismo que receberam, promotores corajosos de paz e anunciadores de uma esperança autêntica.

Confiando o Congresso à intercessão amável e maternal da Bem-Aventurada Virgem Maria que, como recita a oração do vosso Congresso, é «Nossa Senhora da África, Rainha da Paz e Estrela da Nova Evangelização», concedo de bom grado a todos os participantes a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 20 de Agosto de 2012.

BENEDICTUS PP XVI